

DECOLONIZAR SABERES, FAZER-MEMÓRIA: A POÉTICA DE TULA PILAR FERREIRA NAS MÍDIAS DIGITAIS¹

Débora Regina Bacega^[i]

RESUMO

Após o falecimento da poeta negra brasileira Tula Pilar Ferreira (1970-2019), identifica-se uma série de iniciativas que reapresentam tanto seus versos quanto suas performances artísticas. Nessa tessitura, a escrita, os saberes e as memórias da poética corporificada de Tula Pilar, como ficou conhecida, passam a compor também a ambiência digital, sendo tema de recitais nas redes sociais Facebook, Instagram e YouTube; de exposições virtuais na plataforma Google Arts & Culture ou de antologias literárias recém-lançadas no mercado editorial. Assim, este artigo pretende apresentar essas práticas mnemônicas compreendidas em fluxos midiáticos a partir da ótica de pesquisadores dos estudos decoloniais e da memória sociocultural. Neste estudo de caso, espera-se demonstrar como essas práticas podem acionar a dimensão ético-política do fazer-memória de vozes e saberes ancestrais de mulheres negras também na literatura e nas mídias digitais.

Palavras-chave: Fazer-Memória. Estudos Decoloniais. Mídias Digitais. Mulheres negras. Tula Pilar Ferreira.

DECOLONIZING KNOWLEDGE, MAKING-MEMORY: THE POETICS OF TULA PILAR FERREIRA IN DIGITAL MEDIA

ABSTRACT

After the death of the Brazilian black poet Tula Pilar Ferreira (1970-2019), a series of initiatives were identified that re-present both her verses and her artistic performances. Writing, knowledge, and memories of the embodied poetics of Tula Pilar, as it became known, also become part of the digital ambience, being the theme of recitals on social media Facebook, Instagram and YouTube; virtual exhibitions on the Google Arts & Culture platform or literary anthologies recently launched in the publishing market. This article intends to present these mnemonic practices in media streams from the perspective of researchers in decolonial studies and the sociocultural memory. This case study aims to demonstrate how these practices can trigger the ethical-political dimension of making-memory of ancestral voices and knowledge of Black Women also in literature and digital media.

Keywords: Making-Memory. Decolonial Studies. Digital Media. Black Women. Tula Pilar Ferreira.

DESCOLONIZAR SABERES, HACER-MEMORIA: LA POÉTICA DE TULA PILAR FERREIRA EN MEDIOS DIGITALES

RESUMEN

Después de la muerte de la poeta negra brasileña Tula Pilar Ferreira (1970-2019), se identificaron una serie de iniciativas que presentan sus dos versos y sus prácticas artísticas. En este tejido, la escritura, el conocimiento y los recuerdos de la poética encarnada de Tula Pilar, como se la conoció, también pasan a formar parte del ámbito digital, siendo el tema de los recitales en las redes sociales Facebook, Instagram y YouTube; de exposiciones virtuales en la plataforma Google Arts & Culture o de antologías literarias puesto en marcha recientemente en el mercado editorial. Así, este artículo se propone presentar estas prácticas mnemónicas en los medios desde la perspectiva de los investigadores en los estudios decoloniales y memoria sociocultural. En este estudio de caso se espera demostrar cómo estas prácticas pueden desencadenar la dimensión ético-política do hacer-memoria de las voces ancestrales y el saber de las mujeres negras también en la literatura y los medios digitales.

Palabras-clave: Hacer-Memoria. Estudios Decoloniales. Medios Digitales. Mujeres Negras. Tula Pilar Ferreira.

¹Trata-se de uma versão ampliada de trabalho anteriormente apresentado em GT de Congresso Nacional com publicação de Anais 2020

^[ii]Doutoranda e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Bolsista CAPES-PROSUP Integral. Membro do Mnemon, Grupo de Pesquisa em Memória, Comunicação e Consumo (CNPq/ ESPM).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5770-5015>

E-mail: deborabacega@gmail.com



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Fugi da casa da patroa / Vassoura não quero ver mais / A caneta é meu troféu / Bordar as palavras no papel / É tudo o que quero dizer”². Esses são os versos de Tula Pilar Ferreira, poeta negra. Falecida em abril de 2019, ela declamava “sou uma Carolina”, fazendo referência à escritora negra brasileira Carolina Maria de Jesus³ por conta da similitudes vivenciadas por ambas. Tula Pilar nasceu em Leopoldina, Minas Gerais, em 1970. Tornou-se mãe aos 15 anos. Quatro anos mais tarde mudou-se com a família para a cidade de São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica e vendedora da *Ocas*⁴, revista que também passou a publicar os seus poemas. Além de participar de saraus na periferia paulistana e de festivais de literatura, Tula Pilar lançou dois livros: *Palavras Inacadêmicas* (2004) e *Sensualidade de fino trato* (2017), tendo participado de obras coletivas.

Por outro lado, reconhecemos algumas questões como: quem de nós teve a oportunidade de conhecer a sua literatura? Quantas mulheres negras e empobrecidas podem se identificar com a sua narrativa? Quais saberes são situados e corporificados na escrita da poeta? Que vozes são silenciadas na memória sociocultural por meio de epistemicídios⁵? O que se pode recordar e de quem se pode lembrar nas entranhas dos discursos institucionalizados? A partir desses apontamentos, pretendemos problematizar como as contribuições da teoria decolonial, crítica à episteme oriunda da modernidade/colonialidade, podem corroborar o acolhimento da narrativa compreendida na poesia de Tula Pilar em práticas memorialísticas também na ambiência digital. Neste estudo de caso, apresentamos as proposições de pesquisadores dos estudos decoloniais e de aspectos arquivísticos e socioculturais da memória. Esperamos demonstrar como essas narrativas podem acionar a dimensão ético-política do fazer-memória nas tessitura midiática. Para tanto, apoiamos a nossa análise em pesquisas documental e bibliográfica para a investigação desse fenômeno da contemporaneidade. De acordo com Yin (2010), o estudo de caso é indicado quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, de modo que os pesquisadores têm o desafio de observar múltiplas variáveis adotando distintas fontes de evidência, buscando apurar a convergência dos dados.

Consequentemente, esse método nos auxilia a elaborar uma descrição do fenômeno por meio do estudo de situações recorrentes ou excepcionais observadas. Já os resultados podem ser apresentados em conteúdos narrativos ou descritivos, com ilustrações, imagens ou exemplos que contribuam com a análise (YIN, 2010).

2 A PERSPECTIVA DECOLONIAL E O COMBATE AOS EPISTEMICÍDIOS

Entendemos que os estudos decoloniais oferecem a oportunidade de uma leitura crítica do fenômeno da modernidade a partir da visão dos pesquisadores Ramón Grosfoguel, María Lugones, Walter D. Mignolo, Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Sylvia Wynter, Nelson Maldonado-Torres, entre outros. O conceito de colonialidade do poder fundamentado por Aníbal Quijano, em 1989, e amplamente utilizado por este grupo de estudiosos, expressa que as relações de colonialidade não se extinguem com o fim das

² Disponível em: <<https://bitly.com/eqlgx>> Acesso em: 15 out. 2020.

³ Ver mais em <<https://www.vidaporescrito.com>> Acesso em: 19 abr. 2021.

⁴ Disponível em: <<https://bitly.com/eqlgx>> Acesso em: 15. out. 2020.

⁵ Denominação cunhada pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, ver mais em Grosfoguel (2016).

das colônias, mas permanecem no formato de práticas coloniais reiteradas pelo sistema capitalista moderno/colonial (GROSFOGUEL, 2016). Graças também às contribuições do psiquiatra, ensaísta e escritor martinicano Frantz Fanon, pode-se depreender que a ideia de império-colônia estabeleceu relações que se desdobram até os dias de hoje. Em outras palavras, a conquista das Américas evidenciou a transformação do sistema de poder, até então, alicerçado na religião para outro ancorado nas diferenças raciais (MALDONADO-TORRES, 2019).

Anos depois, os teóricos decoloniais ampliam a definição em três vertentes: colonialidade do poder, do ser e do saber, contemplando as dimensões étnica, racial e de gênero. Nesse sentido, a perspectiva decolonial nos alerta que certas especificidades históricas e políticas de nossa sociedade se mantêm graças às hierarquias oriundas da modernidade/colonialismo/capitalismo. Neste ínterim, podemos destacar, por exemplo, o feminismo decolonial que aponta também uma perspectiva de análise dos entrelaçamentos de raça, classe e geopolítica que retroalimentam o racismo e a colonização (CURIEL, 2020). Assim, a compreensão conceitual de colonialidade/modernidade se torna fundamental para o entendimento dos motivos pelos quais os modos de exclusão, subalternidade e segregação ainda persistem, assim como revelam a importância da teoria decolonial frente aos epistemicídios praticados em produções acadêmicas ou artísticas (MALDONADO-TORRES, 2019).

Sob essa ótica decolonial, acionamos os estudos sobre raça, gênero e representação nas produções culturais midiáticas (literatura, cinema) da pesquisadora norte-americana bell hooks (2019) no que diz respeito ao incômodo do olhar racista, classista e sexista que se volta aos corpos e às culturas negras, herança do conceito de colonialidade mencionado anteriormente. Conseqüentemente, os subordinados nas relações de poder ainda vivenciam experiências em que este olhar é crítico, impositivo e opositor como se refere a autora. Por outro lado, o ato de interrogar este olhar do Outro permanece como lugar de resistência para esses subordinados nas palavras de bell hooks⁶. Assim, reivindicar, cultivar e politizar essas relações de olhar se converte em possibilidade de resistência aos imaginários simbólico e real que ainda promovem a opressora cisão entre dois sujeitos: o que tem poder daquele que não o tem (bell hooks, 2019).

Já a escritora, teórica e artista Grada Kilomba (2019), em diálogo com os estudos de bell hooks, afirma que o ato de escrever emerge de um ato político no qual a autora se torna narradora na condição de sujeito e não de objeto em oposição ao que foi estabelecido pelo projeto colonial que pressupõe, muitas vezes, ser definida por este Outro a que se refere bell hooks. Para tanto, a pesquisadora propõe o enfrentamento da “máscara de silenciamento”, composta por uma “peça de metal colocada no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (KILOMBA, 2019, p. 33, grifo da autora) de modo a impedir que os escravizados se alimentassem de cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações.

⁶ bell hooks é o nome adotado por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks. Disponível em: <<https://bitly.com/pG1ka>> Acesso em.: 18. abr. 2021.

No entanto, salienta a autora, a principal função dessa máscara era provocar o silenciamento, uma vez que a boca é um órgão que simboliza a fala e a enunciação.

Ainda na perspectiva de Kilomba (2019, p. 33) a máscara de silenciamento reforça o racismo atemporal fruto do projeto colonial relativo a este “Outra/o: quem pode falar? o que acontece quando falamos? e sobre o que podemos falar?”, imposto violentamente à comunidade negra, como explica: “nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (KILOMBA, 2019, p. 51).

Aqui, retomamos as experiências relatadas pela poeta Tula Pilar sobre a sua relação com as patroas na condição de empregada doméstica. Durante a III Feliz (Feira Literária da Zona Sul da cidade São Paulo), realizada em 2017, como ilustra a figura 1, a escritora conta que, muitas vezes, ouviu a expressão “ponha-se no seu lugar, negrinha”⁷ ao mesmo tempo em que seus empregadores amassavam e rasgavam seus textos.

Figura 1 - Tela capturada da apresentação de Tula Pilar na Feliz 2017.



Fonte: <https://bityli.com/VBrV8>.

A poeta também fez parte da coletânea Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano (2019), ao lado de mais 25 autoras negras. Nela, Tula Pilar (2019) escreveu Frango verde: alimentando-me do lixão no qual identificamos seus saberes encarnados na tessitura do trecho que transcrevemos abaixo:

Ensinei aos meus filhos, desde quando eram bem pequenos, como minha mãe e minha tia fizeram, a sobreviver no improviso: se acabar o gás, a gente junta dois tijolos e faz um fogão à lenha. Se azedar o arroz (não tínhamos geladeira), a gente faz bolinho de arroz frito. Se coalhar o leite, fazemos bolo de fubá com canela. Se não tiver o dinheiro para pagar o ônibus, juntamos latinha, plástico Pet e levamos no ferro velho para vender. Também os ensinei, através da contação de histórias e das brincadeiras populares, a não perceberem a miséria e a fome próximas de nós e que há muitas alternativas para sobreviver na grande São Paulo (FERREIRA, 2019, p. 166).

⁷ Disponível em: <<https://bityli.com/VBrV8>> Acesso em: 18 abr. 2021.

Pensando com bell hooks (2019) e Kilomba (2019), podemos inferir que essas revelações de Tula Pilar ilustram tanto o olhar do Outro (a patroa que rasga seus versos) quanto a resistência da poeta graças a prática da escritura de saberes como podemos notar em: “ensinei aos meus filhos, desde quando eram bem pequenos, como minha mãe e minha tia fizeram, a sobreviver no improvisado”; ou ainda quando versa: “rufam os tambores / ouçam os rumores / poder para as mulheres negras / poder e voz para as mulheres negras”⁸ (FERREIRA, 2012). Assim, os saberes ancestrais de Tula Pilar, corporificados em sua obra literária, tornam-se prática epistêmica político-estética frente à face cruel da colonialidade que ainda persiste em um racismo atemporal como nos lembra Kilomba.

Por outro lado, como nos explica a antropóloga francesa Michèle Petit (2019, p. 91), acionando suas pesquisas sobre leitura e transmissão cultural, o ato de narrar pressupõe a necessidade de organizar as nossas experiências da primeira infância à velhice, pois as narrativas conectam os elementos descontínuos entre si. Dito de outro modo: “não deixamos nunca de narrar, seja àqueles que nos rodeiam, seja no segregado de nossa vida interior” (PETIT, 2019, p. 92).

Petit lembra que muitos contadores de história ou mediadores de leitura redescobrem essa relevância da narrativa quando trabalham com pessoas que viveram uma guerra, uma catástrofe, um trauma: “o que está dentro deles deve primeiro encontrar uma voz do lado de fora por caminhos estéticos indiretos, para que porções inteiras daquilo que viveram não permaneçam entranhadas nas zonas mortas de seu ser. Para que possam, enfim, testemunhá-lo” (PETIT, 2019, p. 94). Dessa maneira, o ato de narrar surge como uma segunda chance que nos permite simbolizar a experiência ao mesmo tempo em que compartilhamos as sensações vivenciadas (PETIT, 2019). Nesse sentido, podemos inferir que a narrativa de Tula Pilar se torna um estímulo estético que pode reverberar em outras mulheres negras o desejo de se emanciparem politicamente, por exemplo, quando lemos seus versos: “a caneta é meu troféu / bordar as palavras no papel / é tudo o que quero dizer”⁹ (FERREIRA, 2015).

Até aqui, discutimos a relevância da perspectiva decolonial no combate a epistemicídios das produções artísticas, intelectuais ou ativistas de mulheres negras. A seguir, ampliamos essa discussão trazendo as práticas mnemônicas da poética de Tula Pilar também nas redes midiáticas.

⁸ Disponível em: <<https://bitly.com/bcBLW>> Acesso em: 18 abr. 2021.

⁹ Disponível em: <<https://bitly.com/eqlgx>> Acesso em: 15 out. 2020.

3 AS PRÁTICAS MNEMÔNICAS E OS FLUXOS MIDIÁTICOS

Observamos, após a morte de Tula Pilar, em abril de 2019, uma série de iniciativas relacionadas à divulgação de suas obras, como a publicação da antologia *Pilar: Futuro Presente - uma antologia para Tula* (2019), como ilustra a figura 2. Também identificamos que o interior da Biblioteca Pública Mário de Andrade, localizada no centro da cidade de São Paulo, passa a abrigar saraus e leituras poéticas em uma sala intitulada *Espaço Tula Pilar Ferreira*¹⁰ em homenagem à poeta. Dentre as atividades culturais neste ambiente, destacamos a recente exposição *TRANSLETRAS – Augusto de Campos*, uma das iniciativas em comemoração aos 90 anos do poeta Augusto de Campos¹¹.

Figura 2 - Captura de tela de divulgação do livro *Pilar: Futuro Presente - uma antologia para Tula*.



Fonte: <https://bityli.com/IV563I>.

Adicionalmente, notamos também registros audiovisuais, entrevistas e exposições com a poeta nas tessituras digitais. Organizada pelo Museu da Pessoa¹², a exposição *Tula Pilar* inclui depoimentos da escritora e a transcrição de seus versos na plataforma digital Google Arts & Culture¹³, a exemplo do que ilustra a figura 3.

¹⁰Disponível em: <<https://bityli.com/eHZqY>> Acesso em: 10 abr.2021.

¹¹Disponível em: <<https://bityli.com/yznq3>> Acesso em: 2. abr. 2021.

¹²Ver mais em museudapessoa.org.

¹³Disponível em: <<https://bityli.com/t5WU6>> Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 3 - Tela capturada da exposição sobre Tula Pilar Ferreira na plataforma Google Arts & Culture



Fonte: <https://bityli.com/t5WIU6>.

Ainda na ambiência digital, notamos a realização de ciclos de leituras poéticas como o recital *Expresso Poesia: Tula Pilar presente por Carmen Faustino*¹⁴, realizado em fevereiro de 2021, pela Casa das Rosas, também conhecida por Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, localizada na cidade de São Paulo. Este espaço cultural, dedicado à difusão e promoção da literatura de escritores, muitas vezes, invisíveis ao mercado editorial¹⁵, oferece cursos, oficinas, palestras, ciclos de debates, lançamentos de livros, apresentações literárias e musicais, saraus, peças de teatro, exposições ligadas à literatura.

De acordo com a entidade, o Expresso Poesia traz as obras de escritoras póstumas na visão de outras artistas. Como podemos observar na figura 4, a poeta, educadora e editora Carmen Faustino foi quem leu os poemas de Tula Pilar. Notamos que a gravação dessa apresentação poética está disponível para consulta no canal da Casa das Rosas no YouTube¹⁶, passando a compor também a dimensão midiática da memória.

Figura 4 – Captura da tela de divulgação do recital *Expresso Poesia* em homenagem à escritora Tula Pilar.



Fonte: <https://bityli.com/ta8kD0>.

¹⁴Disponível em: <<https://bityli.com/eHZqY>> Acesso em: 10 abr.2021.

¹⁵Disponível em: <<https://bityli.com/yznq3>> Acesso em: 2. abr. 2021.

¹⁶Ver mais em museudapessoa.org.

Nessa toada, identificamos o lançamento da *websérie* intitulada *Pilares* pelo coletivo de dança Zona Agbara¹⁷ que criou performances coreográficas inspiradas na biografia de Tula Pilar. Realizadas em maio de 2021 e contando com a participação de familiares, amigos e parceiros da escritora, os episódios de *Pilares* foram exibidos nas redes sociais *Facebook* e *Youtube*.

Como informa o texto de divulgação desse projeto, as coreografias exaltam a escrita da poeta ao denunciar a violência contra a mulher negra e ao incentivar por meio de sua poética outras mulheres, como mães ou empregadas domésticas. Nesse sentido, Gal Martins, responsável pela concepção, roteiro, direção artística e coreográfica dos episódios, explica:

Tula sempre me atravessou da melhor forma possível, com uma energia contagiante, sorriso largo e envolvente. Mulher à frente de qualquer tempo. Sinto-me lisonjeada de poder realizar esse projeto e celebrar a sua existência nessa terra. *Pilares* vem cravar no cenário cultural a memória e importância de um legado que ainda está aqui pulsando e se manterá sempre vivo em nós, mulheres negras, periféricas e ousadas¹⁸ (MARTINS, 2021).

Como ilustra a figura 5, a *websérie* *Pilares* teve três episódios. O primeiro denominado “Tula: corpo fogo, memórias da encruzilhada” narra a personalidade da poeta, tendo a presença do fogo como elemento simbólico de sua ancestralidade.

¹⁷ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/zonaagbara/>> Acesso em: 30 abr. 2021.

¹⁸ Disponível em: <<https://clickondance.com/novidades/novidade/>> Acesso em: 30. abr. 2021.

No texto de divulgação da série na página do coletivo Zona Agbara no *Facebook*, lemos que a proposta deste episódio é evidenciar e “femenagear (sic) a vida e obra de Tula Pilar Ferreira, uma das grandes poetisas negras e ativista e periférica de São Paulo, que com muita dor nos deixou (...) Tula encontrou na poesia a ferramenta de expressão da sua trajetória e combate às opressões e racismo”¹⁹.

Já “Tula: terra e ventre de cabaça” dá continuidade à narrativa da poeta como mulher que pulsa sua feminilidade. A dança, por sua vez, reflete os poemas, as dores, os amores e a sua presença literária na cidade de São Paulo. O último episódio “Tula: A água da justiça” retrata o legado da escritora que, como a água, espraia em múltiplos espaços e territórios, “destacando a sua maternidade, militância feminista e sua busca por justiça social” (LOPES, 2021).

Figura 5 – Captura de telas da divulgação do Projeto Pilares nas redes sociais.



Fonte: <https://www.facebook.com/zonaagbara>.

No que diz respeito às práticas mnemônicas, Frances Yates (2007) explica que ars memoriae ou arte da memória consiste na memorização por meio de uma técnica que registra lugares e imagens, dando origem à mnemotécnica. Nas palavras de Yates, trata-se de uma arte que utiliza a associação entre lugares e imagens. Enquanto o local pode ser uma casa, as imagens são formas, signos distintivos, símbolos do que desejamos nos lembrar. Assim, como a historiadora inglesa exemplifica, se buscamos nos lembrar de um determinado animal, precisamos colocar sua imagem em um lugar (locus) definido. Nas palavras de Yates (2007, p. 23), “a arte da memória é como uma escrita interior. Os que conhecem as letras do alfabeto podem escrever o que lhes é ditado e ler o que escreveram. Do mesmo modo, aqueles que aprenderam a arte mnemônica podem colocar em lugares específicos aquilo que ouviram e falar de memória”.

A pesquisadora e professora alemã Aleida Assmann (2011, p. 368), em diálogo com seus estudos sobre teoria literária, antropologia e memória cultural, argumenta que os arquivos existem graças aos sistemas de registro e armazenamento.

¹⁹Disponível em: <<https://bityli.com/q5B3Tc>> Acesso em: 30 abr. 2021.

Na visão da professora, quando o arquivo se torna memória da economia e da administração, surge, então, o arquivo como testemunho do passado (ASSMANN, 2011). Nesse sentido, a autora, em consonância com os estudos de Jacques Derrida (1995) sobre a temática dos arquivos, destaca a ideia de que controlar o arquivo possibilita o controle da memória. Em suas palavras, graças às estruturas de legitimação do poder político, “o arquivo, antes de ser memória histórica, é memória da dominação” (ASSMANN, 2011, p. 368). Conseqüentemente, o poder político surge a partir dos arquivos, porém, alerta a autora, também não existe confrontação no espaço público sem os arquivos. Assmann argumenta que os arquivos podem potencializar as memórias culturais futuras, o que não invalida a necessidade da crítica em relação à interpretação de seu status enquanto memória funcional ou de armazenamento. Nesse sentido, a apreensão dos arquivos se conduz por interesses sociopolíticos e midiáticos, que concorrem com o status quo das relações preestabelecidas. Ainda pensando com Assmann, a tecnologia midiática que conhecemos dá fluidez aos fluxos de dados digitais, o que acaba por permitir a passagem do “trans-histórico” para o “transitório” (ASSMANN, 2011, p. 440). Conseqüentemente, a memória cultural também passa a ser revisitada na dimensão espaçotemporal de acordo com as reflexões de Assmann (2011).

Já o professor, tradutor e crítico literário Márcio Seligmann-Silva (2006), acionando os estudos de Frances Yates (2007) e Aleida Assmann (2011), faz um percurso pela arte da memória, destacando a doutrina dos loci, na qual a concepção imagética da memória se aproxima da noção de escritura. Nessa escritura da memória, torna-se evidente que o arquivamento de determinados nomes em detrimento de outros implica uma política da memória quando reiteramos que a memória é também objeto de seleções ou disputas (POLLAK, 1989). Dessa forma, a noção escritural da memória e a doutrina dos loci reverbera a afirmação aristotélica de que a imaginação se encontra na memória, o que permite a criação de um espaço mental onde cultivamos certas paisagens mnemônicas e as reescrevemos. Nas palavras do crítico literário, entre o mundo sensível e o conceitual localiza-se a imaginação que proporciona o funcionamento da arte da memória como tradutor de histórias em imagens e, como tais, em falas ou textos.

Nesse sentido, Seligmann-Silva revela que a arte da memória traduz a transformação da história em uma escrita imagética com posterior legibilidade, o que permanece como ponto central na contemporaneidade, apesar do predomínio no século XIX do discurso historicista em relação ao passado. Já no século XX, percebemos o retorno da análise sobre e da memória por meio das criações literárias e poéticas, das artes plásticas e o cenário paradoxal da Segunda Guerra Mundial que impulsionam a arte da memória contemporânea. De acordo com o crítico literário, essa tendência intensifica-se com movimentos que circundam as questões anticolonialistas, das mulheres e das minorias, a exemplo dos gestos decoloniais que já mencionamos. Assim, constitui-se uma cultura da memória “como resistência ao esquecimento oficial” e uma “cultura da amnésia, do apagamento do passado, que caracteriza nossa sociedade globalizada pós-industrial” (SELIGMANN-SILVA, 2006, p. 39).

Assim, pensando com Yates, Assmann e Seligmann-Silva, a memória, enquanto operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, pode definir ou reforçar sentimentos de pertencimento e de fronteiras entre grupos sociais distintos: partidos, sindicatos, famílias, nações etc. Em certa medida, a referência ao passado promete a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, ou seja, a memória é enquadrada nos relatos oficiais, nas vozes autorizadas, nos objetos materiais como monumentos, museus, bibliotecas etc. Porém, este trabalho de enquadramento de memória tem limites, porque a memória é também flutuante e mutável tanto individualmente quanto coletivamente: nesse sentido, pode-se afirmar que a memória é seletiva e objeto de disputas políticas (POLLAK, 1989). Por outro lado, não existe uma memória por si mesma, mas sim a vontade de memória como condição para evitar o esquecimento. Por depender desse esforço laborioso, a própria memória se torna objeto de usos e abusos na proposição do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido.

Daí a importância dos rastros mnésicos como o corpo e os lugares na condição de guardiões da memória individual e de grupos sociais.

Já a pesquisadora Jô Gondar (2005, p. 16) destaca que as dimensões políticas e éticas estão implicadas na construção da memória social uma vez que esta denota a maneira como refletimos sobre o passado em prol do futuro que desejamos. Assim, nossas escolhas sobre o que conservar e o que questionar são sempre intencionais quanto ao porvir, o que nos torna responsáveis ética e politicamente. Nesse ínterim, Gondar propõe situarmos a memória enquanto reconstrução processual e não mera representação do passado, mas a articulação de sentidos, gestos, práticas, ações políticas e aos afetos. Dessa forma, a memória pode ser compreendida como “uma tentativa de dar sentido e direção” ao que nos afetou. (GONDAR, 2005, p. 25).

Assim, observamos a construção e a disponibilização de novos acervos poéticos de Tula Pilar na tessitura midiática numa composição híbrida, ou seja, há elementos textuais, imagéticos ou audiovisuais que se apresentam como materialidades ora físicas, a exemplo do lançamento de livros; ora virtuais como o recital *Expresso Poesia* ou a *websérie* Pilares aqui mencionados. Entendemos que essas práticas mnemônicas transversais visam à difusão da memória e da preservação do patrimônio sociocultural. Embora não seja o objeto de nossa análise, reconhecemos o impacto das medidas sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19 na profusão dessas práticas nas teias digitais.

Por outro lado, ainda que sejam consideradas práticas mínimas diante do compromisso de responsabilidade histórica com as mulheres negras, podemos compreender essas iniciativas como um gesto decolonial memorialístico ao rerepresentar a poética de Tula Pilar em novos rastros mnésicos nos fluxos midiáticos, pensando com Yates, Assmann e Seligmann-Silva. Nesse sentido, entendemos que essas práticas, ainda que pontuais, podem impulsionar a inclusão e a seleção de novas narrativas pela memória individual e coletiva como nos indicam Pollak e Gondar, ou ainda revelar o que tem sido exaltado ou silenciado quando pensamos também na ausência de políticas públicas culturais no contexto brasileiro.

O que percebemos são documentos, relatos orais e monumentos que propagam e reiteram os abusos mnemônicos da modernidade/colonialidade mencionados neste artigo anteriormente.

Acionando novamente a pesquisadora norte-americana bell hooks (2019, p. 240) quando ela diz: “ao olharmos e nos vermos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro”, podemos pensar que as propriedades plástica e mutável da memória também podem incluir essas narrativas no tecido social, explorando a dimensão ético-política do dever de memória como ato de inserção e transmissão desses novos rastros mnésicos em nossa cultura.

Paralelamente, essa vontade de memória pode estimular a propagação e sustentação da preservação do patrimônio da cultura negra por meio de gestos decoloniais também na ambiência midiática, a exemplo das exposições virtuais sobre Tula Pilar lançadas em plataformas digitais como *Facebook*, *YouTube* e *Google Arts & Culture*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A frase da poeta negra Tula Pilar “escrever é guardar as palavras no papel”²⁰ nos faz pensar sobre a emergência de adotarmos gestos decoloniais no processo de construção da memória sociocultural que vai se materializando em documentos, monumentos, objetos ou conteúdos nas redes digitais. Ainda sob essa perspectiva, vimos que a memória é objeto de controles e disputas. Muitas vezes, quem controla os arquivos acaba por ter prioridade na escritura da memória.

Nesse sentido, podemos inferir que a composição de um acervo sociocultural na teia midiática também pode representar a preservação de saberes ancestrais e corporificados, além de ampliar as vozes femininas silenciadas, a exemplo de Tula Pilar Ferreira que apresentamos neste artigo.

Por outro lado, em sua dimensão ético-política, essas práticas mnemônicas transversais e midiáticas passam a compor o ato de fazer-memória de tantas outras mulheres negras que ainda sofrem a crueldade colonial todos os dias.

²⁰ Disponível em: <<https://bitly.com/t5WU6>> Acesso em: 12 out 2020.

REFERÊNCIAS

AASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103>> Acesso em.: 18 abr. 2021.

BARBOSA, Helen Campos. Filhas da diáspora: uma revisão teórica sobre experiência estética numa perspectiva feminista e antirracista. In: ALMEIDA, Gabriela, CARDOSO FILHO, Jorge (orgs.). **Comunicação, Estética e Política: epistemologias, problemas e pesquisas**. Curitiba: Appris, 2020.

CASA DAS ROSAS. **Expresso Poesia: Tula Pilar presente por Carmen Faustino**. 20 fev. 2021. YouTube: CasadasRosasSP. Disponível em: <<https://youtu.be/PbLDAeqBxVw>> Acesso em: 12 abr. 2021.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 121-138.

FERREIRA, Tula Pilar. **Palavras Inacadêmicas**. São Paulo: Selo Independente, 2004.

FERREIRA, Tula Pilar. A poesia de Tula Pilar. [Depoimento à emissora] **TV Cultura**. São Paulo, 12 dez. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/wj_eeCeof0> Acesso em: 06 abr. 2021.

FERREIRA, Tula Pilar. Uma mineira boa de verso e de prosa. [Depoimento ao] **Museu da Pessoa**. São Paulo, 22 jun. 2015. Disponível em: <<https://bityli.com/eqlgx>> Acesso em: 15 out. 2020.

FERREIRA, Tula Pilar. **Sensualidade de fino trato**. São Paulo: Selo Sarau do Binho, 2017.

FERREIRA, Tula Pilar. **III Felizs 2017**. São Paulo, 13 abr. 2019. Facebook: @felizsfeiraliterariadazs. Disponível em: <<https://bityli.com/VBrV8>> Acesso em: 06 abr. 2021.

FERREIRA, Tula Pilar. Frango verde: alimentando-me do lixão. In: SANTANA, Bianca. **Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano**. São Paulo: Imantra Comunicação, 2019.

FRANTZ, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Maitê; FAUSTINO, Carmen. (orgs.). **Pilar: Futuro Presente - uma antologia para Tula**. São Paulo: Oralituras, 2019.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016. **Disponível em:** <<https://bityli.com/oBOiss>> **Acesso em:** 18 out. 2020.

GROSGUÉL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

hooks, bell. olhar opositor: mulheres negras espectadoras. *In*: hooks, bell. **olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Flávia. Enraizada na dança negra, Zona Agbara retrata vida de Tula Pilar em websérie. **Desenrola e não me enrola**. São Paulo, 10 maio 2021. **Disponível em:** <<https://bityli.com/Y5Ec36>> **Acesso em:** 5 ago. 2021.

MARTINS, Gal. Websérie Pilares une vídeo documental e dança contemporânea preta para homenagear a poetisa Tula Pilar. [Entrevista ao site] **Clickondance**. São Paulo, 30 abr. 2021. **Disponível em:** <<https://clickondance.com/novidades/>> **Acesso em:** 30 abr. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **Tula Pilar**. São Paulo, 2020. **Disponível em:** <<https://bityli.com/t5WU6>> **Acesso em:** 12 out 2020.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo. Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, 1989, p 3-15. **Disponível em:** <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/v7>> **Acesso em:** 10 abr. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SANTANA, Bianca. **Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano**. São Paulo: Imantra Comunicação, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. **Remate de Males**, Campinas, jan. /jul, n. 26, 2006.

TORRES-MALDONADO, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, TORRES-MALDONADO, Nelson, GROSGUÉL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VIDA POR ESCRITO. **Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/>> **Acesso em:** 19 abr. 2021.

VINTE e quatro horas de sedução. **Revista Firminas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 253, jan./jul., 2021. **Disponível em:** <<https://bityli.com/xvP6c0>> **Acesso em:** 10 abr. 2021.

YATES, Frances. **A arte da memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZONA AGBARA. **Pilares**. São Paulo, abr. 2021. Facebook: @zonaagbara. **Disponível em:** <<https://pt-br.facebook.com/zonaagbara/>> **Acesso em:** 30 abr. 2021

Artigo recebido em: 30 ago. 2021. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2021.